

Índios do Xingu entram na era da tecnologia

● *Aldeias se comunicam através de rádios movidos à luz do sol*

Cristiane Ramalho

U sar energia solar já virou programa de índio. Pelo menos para algumas tribos do Parque Nacional do Xingu, no Brasil Central. A luz do sol está movendo equipamentos de radiofonia espalhados por dez aldeias que antes viviam em isolamento completo. Agora, os índios já podem avisar com rapidez à Funai, sempre que houver algum caso de doença grave ou acidente. Podem também pedir socorro quando descobrem algum invasor nos limites do Parque: pescadores, caçadores ou madeireiros, hoje seus verdadeiros inimigos.

Por trás desta verdadeira revolução tecnológica, está Aritana, 41 anos, chefe dos yawalapiti, uma das 16 tribos que habitam o Parque. Um dos mais jovens e respeitados líderes indígenas do Brasil, Aritana conseguiu os rádios através de doações da embaixada inglesa e de empresas estrangeiras, instalando os primeiros aparelhos quatro anos atrás. "A energia solar é a melhor alternativa para nós, porque não polui e é de graça", explica Aritana. Satisfeito com os resultados iniciais dos equipamentos, o chefe dos yawalapiti quer agora instalar na região um complexo projeto de assistência médica, quase que 100% movido à energia solar. "A saúde no Parque está péssima, porque falta apoio da Funai. Ninguém quer ficar lá muito tempo sem ter material para trabalhar direito", explica Aritana.

Para viabilizar o projeto, Aritana criou a Organização Kuarup, lançada recentemente no Rio. A Kuarup, sob administração dos próprios índios, quer instalar na área um posto de saúde, equipado com raio-X, salas de aula para monitores índios e local para armazenar remédios, entre outras facilidades. Para transportar doentes, e ajudar na comunicação e vigilância da área, as aldeias contarão com o apoio de duas lanchas, dois ultra-leves e um barco hospitalar.

O ambicioso projeto está orçado em US\$ 3,5 milhões. Mas o chefe indígena explica que os gastos serão reduzidos com o apoio já prometido por várias empresas, como a Shell, que instalará em pontos estratégicos quatro tanques diesel, com capacidade para 15 mil litros. Dias atrás, ao voltar para sua aldeia, Aritana levou uma tonelada de remédios doados por diversos laboratórios, além da certeza de apoio das embaixadas canadense e britânica ao projeto.

Criado sob a influência dos irmãos Villas-Boas, sertanistas que idealizaram o Parque Nacional do Xingu, e radicais defensores da independência dos índios diante dos brancos, Aritana aprendeu que no *escambo* com a tribo dos *caraiwas* (como chamam os brancos), os índios quase sempre levam a pior. "Orlando (Villas-Boas) sempre foi contra a entrada no Parque de gravador, bicicleta, chinelos, dinheiro e até missionários", lembra o cacique. Segundo Aritana, os Villas-Boas achavam que essa *fusão* tiraria a identidade cultural dos índios. "Também acho perigoso absorver coisa de branco. Mas penso que se a gente souber usar, a tecnologia pode ajudar, não a destruir, mas a preservar nossa cultura", conclui o cacique.



Adriana Lorete

O cacique Aritana criou a Kuarup e conseguiu os equipamentos através de doações de empresas e embaixadas

O embaixador dos índios do Alto Xingu

Aritana, o chefe dos yawalapiti, é uma espécie de embaixador das tribos do Alto Xingu entre os brancos. Fala quatro idiomas indígenas, além de dominar o português. "Há anos que o branco vem falando pelo índio. É hora do índio reivindicar por si mesmo", diz o cacique. Apesar dos frequentes contatos com a *civilização*, Aritana, ao contrário de alguns caciques, que passam grande parte do tempo viajando pelo mundo, não suporta ficar longe da sua aldeia.

O cacique lembra que os principais problemas do Xingu sempre foram saúde, transporte, educação e mais fiscalização por parte do Ibama, e cobra do presidente Collor promessas feitas durante visita à área no ano passado: "O presidente esteve aqui assinando contrato para educação, mas até hoje estamos esperando alguma novidade". O novo presidente da Funai merece um voto de confiança: "Conhecemos bem o Sidney Possuelo e esperamos que ele faça um bom trabalho", diz Aritana.

Entre os índios do Parque não há dúvida: vivem no paraíso, comparados com outras tribos. "É muito fácil para o homem branco dominar o índio. É só dar roupa, carinho, comida. O índio que não se prepara para o contato inevitável com o branco, como os kaiovás ou os ianomâmis, perde a identidade, esquece a tribo e a sua aldeia. Mas nem todos têm escolha", conclui o jovem chefe dos yawalapiti — uma nação que quase foi extinta, mas que hoje tem uma população crescente de 130 índios. (C.R.)